



Da intervenção biomédica à intervenção artística: outras linhas para o cérebro

Daniela Feriani, Ana Cândida Nunes, Edilberto Silva,
Fernando Murilo Bonato, Jailton Veloso & Pedro de Lucena

O que pode um cérebro quando ele sai do lugar patologizante da biomedicina e encontra outros caminhos possíveis? Como traçar linhas de fuga que permitem transbordar os cérebros dos exames para as artes, dos laudos para os poemas? A partir dessas questões, eu, Daniela Feriani, convidei pessoas neurodivergentes a experimentar e vislumbrar outras perspectivas para o cérebro - e tudo o que cabe e o que não cabe nele. Ana, Edilberto, Murilo, Jailton e Pedro aceitaram o desafio.

Cérebros que brilham para além dos raios-x e campos magnéticos

Daniela Feriani

O que nos inspira hoje não são os computadores, é a microbiologia do cérebro: este se apresenta como um rizoma, mais como a grama do que como a árvore (...) Não que pensemos conforme o conhecimento que temos do cérebro, mas todo novo pensamento traça ao vivo no cérebro sulcos desconhecidos, torce-o, dobra-o, fende-o. (...) o cérebro é precisamente esse limite de um movimento contínuo reversível entre um Dentro e um Fora, esta membrana entre os dois. (...) Subjetivação, acontecimento ou cérebro, parece-me que é um pouco a mesma coisa (Deleuze, 1992: 191).

As metáforas têm desempenhado, há muito tempo, múltiplos papéis na conceitualização da mente e do cérebro, orientando o desenvolvimento e o aprimoramento de modelos teóricos e questões empíricas. Analogias iniciais (comparando o cérebro a sistemas hidráulicos, centrais telefônicas, fábricas ou bibliotecas) ofereciam atalhos para a compreensão de aspectos da cognição, da memória e da dinâmica cerebral. Como tal, as metáforas desempenham um papel fundamental na orientação de investigações científicas.

Se o cérebro já foi comparado a uma máquina ou a um computador, um grupo de neurocientistas propõe a música como uma metáfora científica para a compreensão de múltiplas dinâmicas cerebrais e funções cognitivas [1]. Ao contrário de metáforas que se concentram em componentes estáticos ou fluxos lineares, a música enfatiza a adaptação contínua, a dependência do contexto e



a inserção cultural, e apresenta um modelo para o engajamento simultâneo com múltiplas camadas de significado. Integrando técnicas analíticas da teoria musical e insights experienciais da performance e da audição, a aposta é aprofundar nossa compreensão da dinâmica da mente e do cérebro e fornecer novos caminhos epistemológicos para a pesquisa interdisciplinar.

A música possui uma estrutura hierárquica, complexidade temporal e capacidade de integrar múltiplos processos que são paralelos a características-chave da arquitetura cerebral e das funções cognitivas. Com base em pesquisas sobre oscilações neurais, plasticidade, codificação preditiva e processamento emocional, os neurocientistas mostram como o paradigma musical pode capturar a rica interligação entre mente e cérebro, desde a dinâmica cerebral em larga escala e as trajetórias de desenvolvimento até a emergência da consciência e a interação de estados afetivos.

Se antes o cérebro era pensado como autônomo em relação ao resto do corpo, tem se mostrado cada vez mais articulado. Para o sociólogo britânico Nikolas Rose (2001), a psiquiatria adotar cada vez mais um modelo biológico ou cerebral para diagnosticar doenças mentais implica numa reformulação da própria noção de biologia – não mais como um destino inexorável e imutável, mas cada vez mais sendo pensada na sua relação com o ambiente. A vida biológica – incluindo, aqui, a influência da genética – entra no campo da escolha e decisão: tornamo-nos cidadãos biológicos e se exige cada vez mais que conheçamos o que acontece em nosso próprio corpo numa linguagem neuroquímica. O ambiente – trauma, abuso, pobreza etc – é levado em conta quando pode ser visto em termos cerebrais, quando as lesões – ou os sintomas - podem ser localizadas.

Se a plasticidade do cérebro pode ser atraente, já que nos convidaria a estimulá-lo e ultrapassar limites, ampliando nossas habilidades e conhecimentos, ela também pode ser perigosa ao se acreditar que o cérebro pode ser reprogramado para qualquer coisa, de tudo ser mutável, dos neurônios serem responsáveis por tudo o que fazemos, da equivalência, enfim, entre cérebro e mente (“somos um cérebro”). Ainda que o cérebro seja moldado pelas experiências que temos ao longo da vida, Nikolas Rose adverte que não devemos imediatamente achar que é possível fazer o que quisermos com ele, que podemos nos tornar o que quisermos se o moldarmos de maneira correta. Como mostra a psicanálise, nem tudo é consciente: há sempre o imponderável, o imprevisível, o que foge do nosso controle.



Alguns processos neurológicos-mentais-cognitivos, como algumas deficiências, deslocam posições, torcem palavras e coisas, sacodem convenções, instauram outras normas, abrindo novas perspectivas para pensar linguagem, corpo, pessoa, mente, cérebro e mundo. É preciso suspender temporariamente as teorias sobre mente, humano, linguagem, deficiência para experimentar algo menos claro e mais fabuloso a partir das pistas das experiências de vida das próprias pessoas, aprender com elas a reinventar os referenciais, tanto de mundo quanto dos modos de produzir conhecimento.

Ao invés de predefinir um tipo de pensamento e procurar por isso na vida social, o antropólogo italiano Carlo Severi (2020) defende uma abordagem etnográfica do pensamento, ou seja, primeiro considerar as interações e formas de comunicação e só então tentar entender o tipo de pensamento que essas relações mobilizam. Assim, o estudo cultural da cognição deveria se basear não numa tipologia das representações (como intuitiva, contra-intuitiva, aparentemente irracional, etc), mas, mais do que isso, nas condições que influenciam a geração de formas específicas de interações comunicativas. O pensamento não está preso no cérebro e o cérebro não se limita ao dentro, mas é tudo o que e como se faz o diálogo entre dentro e fora, pessoa e mundo, identidade e alteridade.

Como bem alertou o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2002), não basta dizer que se trata de outro sujeito, mas a questão é mostrar que se trata de um sujeito outro. A pesquisadora e autista Temple Grandin (1996), ao recusar A mente humana em defesa de multiplicidades de mentes e cérebros, nos dá uma pista: é importante “compreender o tipo de pensador que você é”. É possível multiplicar as mentes humanas e multiplicar os tipos de pensador, não na direção do pensamento humano, mas nos limites do próprio pensamento, continuamente expandidos por pessoas com deficiência, com algum tipo de transtorno mental e outras que mostram os vários mundos, linguagens, pessoas, cérebros e mentes possíveis. Para a antropóloga Elizabeth Fein,

o estilo cognitivo autista e, em especial, os desafios que ele coloca têm sido tradicionalmente retratados como uma série de déficits individuais na função executiva, teoria da mente, coerência central. Inabilidades para organizar, intuir, inferir, sem orientação explícita. (...) Mas e se em vez disso pensássemos na função executiva autista, teoria da mente autista, criação de coerência autista, não como limitações internas, mas como formas de envolvimento profundo com sistemas de ordenamento externo – sistemas que são por sua



natureza limitados e limitantes, além de generosos e generativos? (Fein, 2019: 168/169)

Ainda que ser autista implique em um modo particular de pensar, perceber, estar no mundo, é importante dizer que não se trata apenas de um “jeitinho de ser”: autismo é uma deficiência que traz prejuízos consideráveis para o dia-a-dia das pessoas [2]. A questão, aqui, é que, ao invés de ver a deficiência como falta, erro, déficit, tomá-la-emos como diferença. Não é que falta coerência, execução, inferência, intuição, orientação, mas se trata de outra coerência, outra execução, outra inferência, outra intuição, outra orientação. Tomar a deficiência como a possibilidade de compor com ela outros modos de conhecer, comunicar, perceber, interagir, pensar, sentir, estar no mundo é transbordar da biomedicina para chegar a outras direções possíveis. Não se trata de negar a importância e o direito ao tratamento, às terapias, ao acesso aos serviços de saúde, aos medicamentos, mas de alargar o campo sensorial para tomar a deficiência também como experiência, subjetividade, corpo, expressão, modo de engajamento, potencialidade de criar outras perspectivas e existências.

O que pode um cérebro quando ele sai do lugar patologizante da biomedicina e encontra outros caminhos possíveis? Como traçar linhas de fuga que permitem transbordar os cérebros dos exames para as artes, dos laudos para os poemas? A partir dessas questões, convidei pessoas neurodivergentes a experimentar e vislumbrar outras perspectivas para o cérebro - e tudo o que cabe e o que não cabe nele.

A ideia foi pegar imagens de cérebro que a medicina produz a partir de exames de ressonância magnética, tomografia, eletroencefalograma e fazer intervenções artísticas e/ou literárias nessas imagens. As intervenções eram livres, a critério de cada autor/a: pintar, desenhar, recortar, bordar, escrever, fazer colagem. A provocação foi deslocar o lugar do cérebro de objeto de estudo e intervenção biomédica para o lugar do cérebro como espaço de arte, de criação, de diversidade, da diferença como o que nos permite conhecer a nós próprios e os outros, e fazer com que o encontro aconteça de maneira plena, com todas as lacunas, fissuras, rasuras que possa ter.

Ana Cândida Nunes, Fernando Murilo Bonato, Jailton Veloso, Edilberto Silva e Pedro de Lucena responderam à provocação lançada. Autistas com diferentes experiências – ou cada qual com o seu autismo: apraxia severa, diagnóstico tardio, pouco suporte, usuário de comunicação aumentativa e alternativa (CAA). Autistas, sim, e também artistas, escritores, pensadores, pessoas



com sonhos, desejos, expectativas, frustrações, projetos, habilidades, limitações, que refletem sobre sociedade, futuro, educação, família, comunicação, alteridade, empatia, arte, religião, escrita, processos criativos, emprego, juventude – sobre a vida, enfim, “a dor e a delícia de ser o que é” [3].

Desde 2021, acompanho autistas em redes sociais e eventos. Há 3 anos, organizo o “Ser autista: desafios, aprendizados, afetos”, em que convido quatro pessoas para contarem suas experiências de vida. Mais dois eventos com convidados autistas já estão planejados, em maio, sobre educação e inclusão, e outro em junho, sobre arte, escrita e pesquisa. Também tenho lido livros e poemas produzidos por elas e feito algumas entrevistas, que podem ser lidas nesta revista, na coluna “Entre mundos”.

Como já escrevi em outro texto, apesar de serem experiências muito singulares, como são, aliás, todas as experiências, as existências autistas trazem questões que dizem respeito a todos nós, como linguagem, memória, inclusão, corpo, noção de pessoa, mente, cérebro, mundo. São existências que nos provocam a pensar outros modos de ser/estar, a deslocar posições, a subverter lógicas e convenções, a torcer significados, a rever métodos, a alargar conceitos, a experimentar outros perceptos.

O autismo significa muitas, muitas coisas para muitas pessoas. (...) O que é esta coisa que eu estudo, que eu persigo, em volta da qual danço, e com quem em momentos efêmeros eu tento dançar? A coisa que eu estudo é mais como cor do que como daltonismo – é uma coisa que acontece entre corpos que sentem e mundos sensíveis, com todas as particularidades de cada um. Passei a pensar na coisa que me interessa como um modo de engajamento com as coisas do mundo – um modo de estar com aquilo que lhe cerca. Mais especificamente, é uma forma de permeabilidade, de profunda vulnerabilidade existencial à ordem das coisas à nossa volta. O que dizemos e fazemos com relação ao autismo, portanto, também revela algo sobre o modo como nos relacionamos com este nosso entorno (Fein, 2019: 168).

A partir de uma convivência sensível com jovens autistas, Elizabeth Fein mostra como algumas características do autismo – como hiperfoco, ecolalia, repetição – são maneiras de se engajar



profundamente com as coisas ao redor. Ao invés de ser entendido e analisado como um fenômeno localizado dentro dos limites do corpo individual, o conteúdo específico com que as pessoas autistas se engajam é um componente constitutivo de seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo.

Ao patologizar o modo autista fundindo-o ao corpo individual, não percebemos que se trata de uma experiência de íntima conexão com o mundo - ao invés de desconexão, como se supõe -, uma permeabilidade com o entorno, que pode ser “um convite muito necessário a uma conscientização mais profunda de nossa interconectividade com nosso ambiente ameaçado” (Fein, 2019: 192). Uma forma de sensibilidade ambiental urgente para tempos catastróficos, porque amplia os modos de existência e disponibiliza respostas criativas para perceber e estar no mundo.

Quando deixamos de separar, de maneira reducionista e ilusória, cérebro e corpo, abrimo-nos para a experiência sensorial direta, para a atenção focada e o modo de engajamento material com o mundo como processos de ser, viver, aprender. Ao invés de eleger o cérebro e os domínios cognitivos como aqueles prioritários para a aprendizagem e a própria constituição de si, como quer, muitas vezes, a biomedicina, perceber que é na relação com o corpo que criamos uma experiência de conexão plena com o mundo, de atenção às coisas ao redor, que nos permite criar “uma forma de viver a vida com os outros” (Ingold, 2020). É nessa direção, de mostrar um modo de engajamento com a vida que passa por uma imersão sensorial com o entorno, uma sensibilidade ambiental, que as existências autistas mais têm mobilizado meu interesse em seguir junto com essas pessoas.

Inspirado em Viveiros de Castro (2002), o convite, aqui, é de experimentar o pensamento do outro para alargar o nosso próprio.

Expandir mundos.
Vislumbrar perspectivas.
Traçar linhas de fuga.
Abrir o espaço para
que o outro exista.

Dançar juntos uma
dança improvisada,
dança que se cria
no encontro

instável efêmera frágil arriscada
como são as existências.



Daniela Feriani é antropóloga formada pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, onde também fez mestrado e doutorado. Tem dois pós-doutorados pela Universidade de São Paulo – USP. Pós-graduanda em Psicopedagogia no Instituto Singularidades. Atualmente, é bolsista de Jornalismo Científico (Mídia Ciência) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, com o projeto “A demência como outro mundo possível: ações de divulgação científica” [2024/05623-0].

Email: danielaferiani@yahoo.com.br / Instagram: @soproseassombros

[1] Referência: "Music as a scientific metaphor for mind and brain.". Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0149763426001004>. Acesso em 12/05/2026.

[2] Autismo é uma deficiência que demanda por terapias, medicamentos e outros serviços de saúde. Não é, porém, uma doença e, nesse sentido, não se deve falar em “cura” do autismo.

[3] Na música “Dom de iludir”, de Caetano Veloso.

Referências bibliográficas:

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

FEIN, Elizabeth. Autismo como um modo de engajamento. In Rios, Clarice & Fein, Elizabeth (orgs). *Autismo em tradução: uma conversa intercultural sobre condições do espectro autista*. Rio de Janeiro, RJ: Papéis Selvagens.

GRANDIN, T. *Emergence: Labeled Autistic - A true story*. Nova York: Warner Books, 1996.

INGOLD, Tim. *Antropologia e/como educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

ROSE, Nikolas. The politics of life itself. *Theory, culture & society*; 18(6):1-30, 2001.

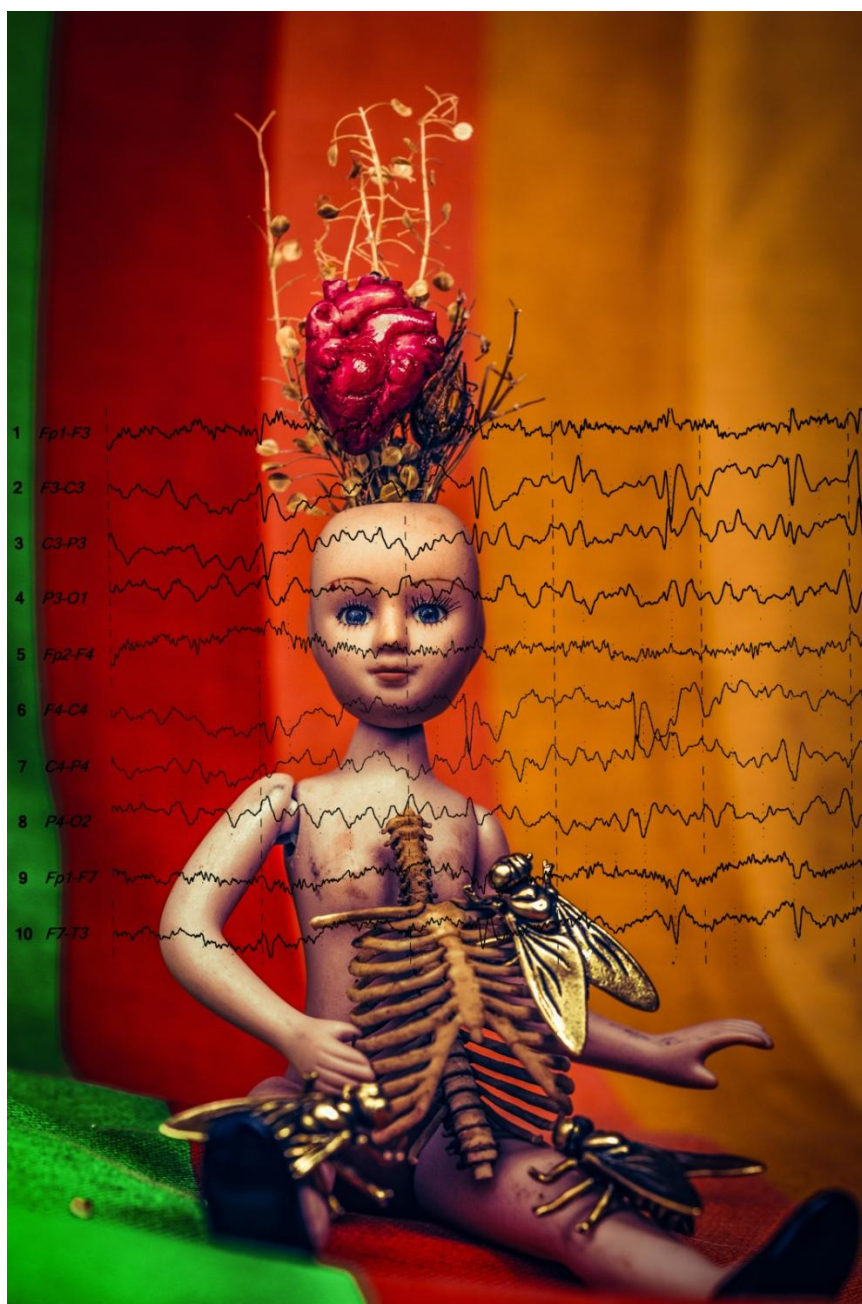
SEVERI, Carlo. *Capturing imagination: a proposal for an Anthropology of thought*. Chicago: Hau Books, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, E. O nativo relativo. *Mana*, v. 8, n. 1, p. 113-148, 2002.



Anatomia do Averso: sobre ansiedade e mascaramento

Ana Cândida Nunes



Colagem digital com fotografias autorais e exames de eletroencefalograma.



Descrição da imagem e do processo criativo:

Na montagem digital autoral, a figura central trata-se de uma boneca de porcelana, careca, de expressão serena e infantil. Em posições adjacentes, há um coração anatômico pulsante (em cor carmim vibrante) coroando a cabeça, sustentado por ramos secos. Há uma caixa torácica/coluna vertebral exposta externamente sobre o peito da boneca e moscas metálicas douradas e grandes pousadas sobre o corpo e a estrutura óssea. Como plano de fundo, há um tecido com listras verticais em cores primárias e secundárias (vermelho, laranja, amarelo, verde), lembrando uma bandeira ou lona de circo.

A boneca é um simulacro do ser humano. Ao retirar o cabelo e expor elementos internos (ossos e órgãos), a artista rompe com o conceito de "brinquedo" e transforma o objeto em um memento mori moderno. A passividade do rosto da boneca contrasta com a crueza dos elementos biológicos que a cercam.

O coração posicionado acima da cabeça sugere uma inversão da hierarquia anatômica racional. O sentimento e a vitalidade (o coração) dominam o pensamento (o cérebro). Os ramos secos que o sustentam podem simbolizar a fragilidade da vida ou uma "árvore genealógica" de traumas e emoções expostas.

O esqueleto externo representa a fragilidade do "si mesmo". O que deveria estar protegido pela pele está exposto, sugerindo uma vulnerabilidade absoluta ou uma "desnudação" da alma. As moscas aparecem como retrato da efemeridade da vida. O fato de serem douradas cria um paradoxo: a morte é tratada como algo precioso, ornamental ou inevitável.

O fundo vibrante e multicolorido (estética pop ou circense) cria uma ironia visual. As cores alegres contrastam com o tema mórbido da imagem, gerando um efeito de "estranhamento" (o Unheimlich freudiano), no qual o familiar torna-se sinistro. A montagem conta com uma sobreposição de imagem de um resultado de eletroencefalograma, tatuando o avesso anatômico e tornando-o materializado.



Ansiedade Social

Cansa-me falar. Há minúcias indecifráveis, que me arrastam ao mero ruído. Calculo ângulos entre silêncios e verbos frágeis, sem definição consistente, tentando construir um argumento ousado. Quero estar! Contudo, adéquo-me mais às frestas. No canto, desliso numa angulação sinuosa, quase me levando à cadência dos fatos. Constato, no entanto, pleno desequilíbrio. Tudo desmorona.

Atribuem-me significados, revelados em doses emblemáticas de certezas absolutas. Identifico-me com palavras perfeitamente encaixadas nos abismos que cultivei para sobreviver (ou para caber!). Descarto, disfarçadamente, uma e outra peça do jogo vital, esperando um grito, ao menos, para recalcular meus passos, sob susto intenso. Implodo. Dói. Vejo que o retrocesso poderia salvar alguns pedaços especulares, ainda não corroídos. Dou a passada, então.

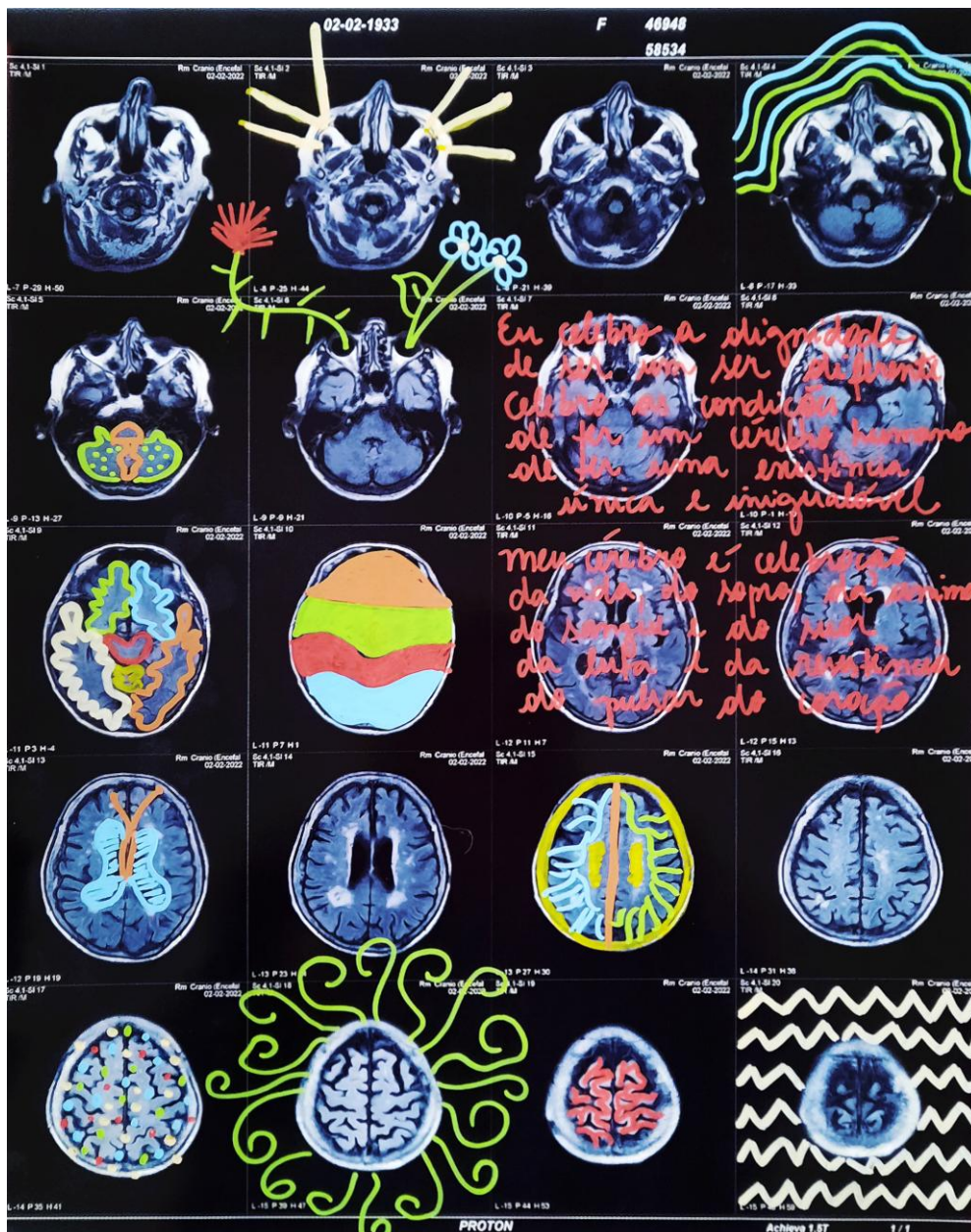
Do objeto especular, realocado simbolicamente no globo ocular de outrem, retiro o verbo, em ecolalias, e a materialidade que indica quem sou. Flutuo, no entanto. Tento alcançar tábuas firmes rentes ao chão, mas perco-me na inconsistência espectral à qual infligiram-me.

Observo o entorno. Monitoro passos. Cada passo! Sou hiper vigilante. Cansa-me.

Ana Cândida Nunes é formada em Psicologia, mestra e doutoranda em Filosofia, pela Universidade Federal do Piauí. Trabalha na Associação de Amigos dos Autistas do Piauí. É fotógrafa artística/conceitual. Escreve em prosa poética, tendo publicado seu primeiro livro *(Ab)Sinto*, em 2024. É roteirista e dramaturga. Escreve sobre ativismo autista, desde 2014, em blogs publicados nas redes sociais. Instagram: @ana.candi



Eu cerebro
Pedro de Lucena



Exame de ressonância magnética do cérebro, com o poema de Pedro de Lucena e intervenções artísticas de Daniela Feriani [parte 01].



Exame de ressonância magnética da cabeça/perfil, com o poema de Pedro de Lucena e intervenções artísticas de Daniela Feriani [parte 02].



Descrição da imagem e do processo criativo [1]:

A partir de exames de ressonância magnética do cérebro e da cabeça/perfil, Pedro de Lucena escreveu o seguinte poema:

Eu celebro

Eu celebro a dignidade
De ser um ser diferente,
Celebro as condições
De ter um cérebro humano,
De ser uma existência
Única e inigualável.

Meu cérebro é celebração
Da vida, do sopro, da anima,
Do sangue e do suor,
Da luta e da resistência,
Do pulsar do coração.

Eu cérebro, sou o maestro
Do meu próprio corpo, que mesmo
Doido agindo, não seguindo
A regência de uma vida normal,
Se aventura numa jornada existencial.

Ser ou não ser
não é a questão
Ser e seguir sendo
É motivo de celebração.

Daniela Feriani escreveu o poema de Pedro sobre os exames de ressonância magnética [fundo preto e imagens de cérebro e cabeça/perfil em preto, branco e cinza], com caneta posca vermelha. Daniela também fez outras intervenções artísticas nas imagens, como linhas, pontilhados, espirais, flores, borboleta, símbolos de interrogação e exclamação, com canetas posca nas cores amarelo, vermelho, azul, verde, marrom e laranja.



Sou Pedro de Lucena, um jovem autista que gosta de escrever poesias, pois é a forma que encontrei de falar sobre mim, minhas dores e alegrias.

Minha vida, como vocês podem imaginar, não é uma vida muito interessante. Mas eu sou grato a Deus, porque, apesar de minhas limitações, pude ter alguns privilégios enquanto pessoa autista. Nasci numa família que pode me oferecer tudo aquilo que preciso para viver. Então, sou uma pessoa privilegiada em relação a isso.

Ser uma pessoa neurodivergente não é bom, traz muito sofrimento no meu caso. Mesmo tendo alguns privilégios, acredito que a dor me iguala a todas as pessoas dentro do espectro.

Minha experiência enquanto pessoa autista que escreve poesias é uma oportunidade de ir além do transtorno e me comunicar com o mundo através de uma linguagem conhecida, porém que expressa também sentimentos fora da bolha das convenções. Isso é o que a poesia representa para mim.

Ela foi uma porta de liberdade e alívio emocional que se abriu para mim. Eu comecei a me interessar por esse gênero textual quando estava no Ensino Fundamental. Então meus pais e professoras me incentivaram. Através da poesia, eu falo das minhas emoções e experiências de vida.

Eu me sentia uma pessoa que queria falar para o mundo que eu existo para além do espectro e faço isso escrevendo. Minha experiência em escrever uma poesia sobre meu cérebro foi muito estranha, mas valiosa, pois pude olhar um pouco mais para dentro de mim.

DESMOTIVO

(Intertextualidade com “Motivo” de Cecília Meireles)

Eu me desmotivo sem motivo.
Vivo sempre perplexo,
Querendo a sombra de um amigo
Onde eu possa descansar.

Me sinto levado pelo vento de minha solidão,
E só mesmo lendo Lispector para refletir minha escuridão.
Se me desmonto não sei, não sei.
Se me refaço me desmonto de vez.
Até que me reencontro outra vez e me pergunto:
Demoras a vir, e quando chegas logo vais embora?



Fujo de mim mesmo todos os dias.
Se sou alegre ou triste, distante ou próximo, afetuoso ou insensível,
Nem mesmo eu sei.
Mas, de tudo isso e dentro disso tudo, existo
E uma coisa eu digo:
Sou autista e isso é tudo.

Pedro de Lucena é autista não oralizado e faz uso de Comunicação Aumentativa Alternativa. É poeta, autor de *Parabólicas*. Em 2018, foi destaque como promessa da escrita pernambucana em coletânea da Oficina Literária Paulo Caldas.

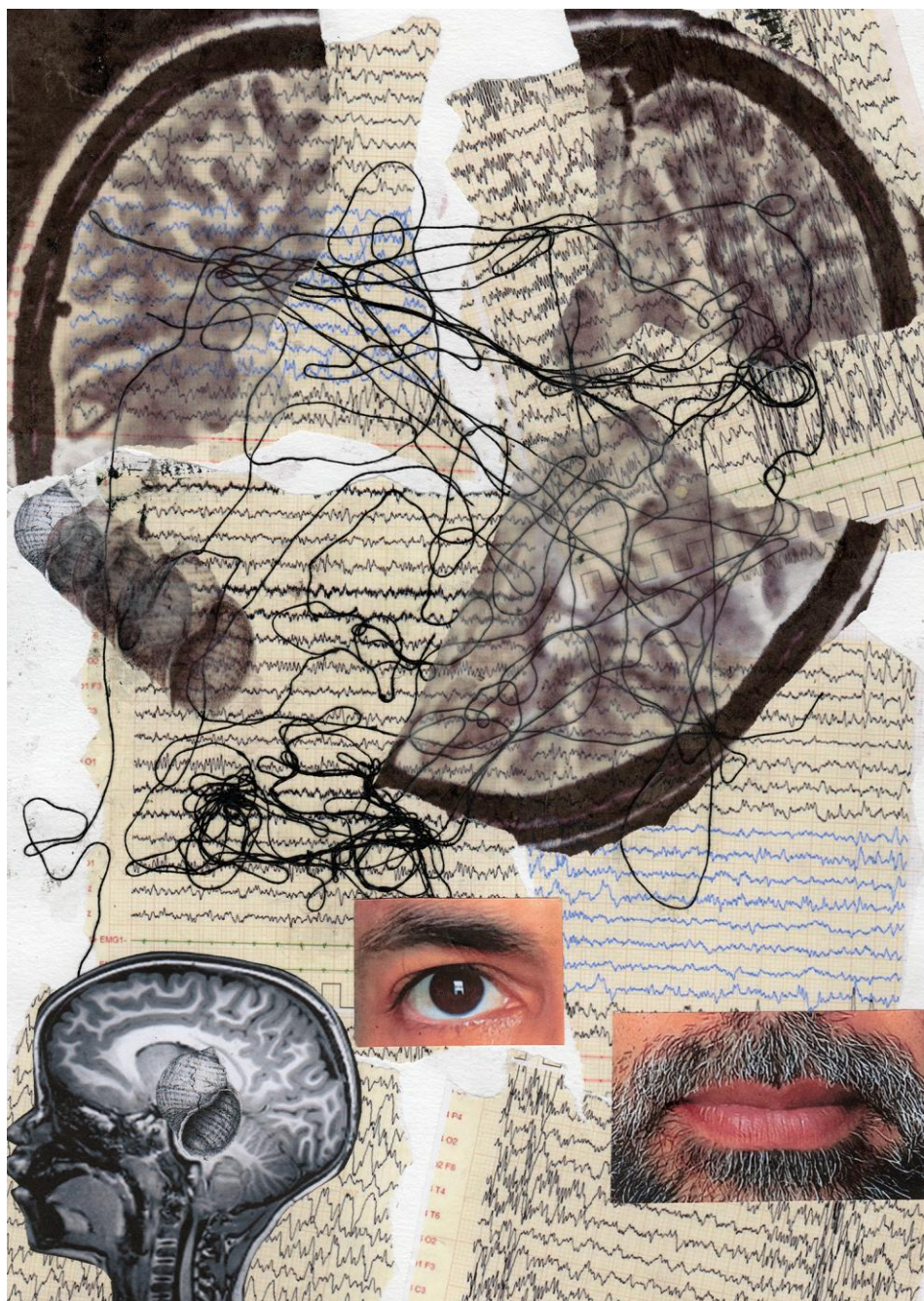
Instagram: @opoetaautista

[1] A descrição da imagem e do processo criativo deste material e a de Fernando Murilo Bonato foram escritas por Daniela Feriani. A partir dos exames de neuroimagem, esses autores escreveram poesias, as quais ganharam outras formas visuais com intervenções de Daniela. As demais descrições são de autoria da/dos artista(s) que fizeram as colagens.



Anatomia do invisível: o que a máquina não lê

Edilberto Silva



Colagem manual, com papel vegetal, fios de linha preta, fotos e desenhos autorais, imagens de ressonância magnética e de eletroencefalograma.



Descrição da imagem e do processo criativo:

A imagem é uma colagem artística, utilizando diversos tipos de papéis e linha. Predominam os tons neutros (preto, branco, cinza e bege), com alguns detalhes em azul. Na parte central da composição, há a colagem, em papel translúcido, de três grandes fragmentos rasgados de um exame de ressonância magnética do corte transversal de um cérebro humano, arranjados quase em forma de círculo. Sob esses pedaços de exame e entre eles, há um emaranhado de linhas pretas, finas, formando voltas e nós que cruzam a imagem em várias direções.

No lado esquerdo, próximo ao centro, a partir do fragmento esquerdo da imagem do cérebro, há a colagem da imagem, em preto e branco, de uma concha, desenhada em pontilhismo pelo autor, sobre a qual foram superpostas, parcialmente, imagens da mesma concha impressa em papel translúcido, em sentido descendente, para a esquerda.

No canto inferior direito, há o recorte de um exame de ressonância magnética, mostrando o perfil de uma cabeça humana, em preto e branco, evidenciando as estruturas internas do órgão. No interior dessa imagem, há a colagem de uma concha pontilhada, em preto e branco, colada à altura da estrutura do ouvido interno.

Acima dessa imagem, na região inferior central, aparece um recorte fotográfico colorido de um olho humano, olhando diretamente para frente. A íris é escura e há um brilho reflexivo bem claro na pupila. A sobrancelha aparece acima do olho. Logo à direita, mais abaixo, há um recorte fotográfico colorido de uma boca, mostrando os lábios e bigode grisalho.

Ao fundo de toda a composição, há vários recortes de folhas de eletroencefalograma, com gráficos de linhas serrilhadas em azul e preto. Esses papéis estão sobrepostos de forma irregular, criando uma textura fragmentada. Sobre esses papeis foram dispostos os demais elementos da colagem.



Sou Edilberto. Sou um autista tardiamente diagnosticado. Pai de um adolescente autista de 13 anos, casado, defensor público, poeta, antropólogo aprendiz. Durante décadas, tentei mascarar o que eu ainda nem sabia que era autismo. Após anos de exaustão e sentimento de inadequação, o diagnóstico, enfim, tornou-se uma bússola para a autocompreensão e busca por melhor qualidade de vida. Mas não foi só isso. De algum modo, fui depondo algumas máscaras (nem todas, pois, como disse a Ana Muhlethaler, amiga muito querida, já nem sei separar o que sou eu do que é máscara), tentando não esconder mais meus traços autistas, como eu disse num poema:

quando meu carnaval chegar, no primeiro dia
tirarei a primeira máscara
não sairei de casa
recusarei teu convite
pra festa daquele teu amigo que eu nem conheço

talvez então tu vejas
meus olhos esbugalhados
meu corpo ligeiramente inclinado pra frente
quando eu falar de coisas estranhas:
o nome das ervas, das flores

no segundo dia de carnaval
deporei a segunda máscara
tu não acharás mais que eu falo sorrindo
pensarás que falo como um louco
ou que nem sei falar

no terceiro dia de carnaval
tirarei a terceira máscara
meu corpo, pêndulo de Foucault,
oscilará em todas as direções
talvez até gire sem parar

e antes da quarta-feira de cinzas
nu
pularei no chão
de pés descalços
quando vier a chuva



Descobri-me uma pessoa com deficiência, o que recebi com algum luto, que logo foi transformado em luta. Mas nem para todos pareço uma pessoa com deficiência. As poucas pessoas que convivem comigo diariamente conhecem os “prejuízos” (para usar um termo do DSM) que tenho e, para elas, não foi uma surpresa o diagnóstico de autismo. Tinham mais certeza do que eu. Mas o fato de ser um profissional que alcançou um cargo bastante cobiçado em concurso público, que faz mestrado, casou-se e tem filhos é constantemente utilizado por outros como meio de invalidação ou, ao contrário, como exemplo de superação. Mas ninguém vê o dobro de tempo e de esforço que tenho que fazer para entregar um resultado semelhante ao de meus colegas não autistas, as crises após cada reunião, audiência ou aula presencial, a exaustão de todos os dias, a dificuldade para realizar a mais simples interação social, etc. É como se eu precisasse justificar esse suposto sucesso enunciando todo o aleijamento que a maioria não vê; ou que eu precise ser um herói para ter a humanidade reconhecida. E, no entanto, sou aleijado:

língua estranha esta
será a língua dos anjos
esta língua estranha em que canto?

de anjo não quero
nem asa
nem fala

minha fala é a oração
de uma língua queimada

ecolálica,
minha fala é a glossolalia
daqueles que foram desumanizados
pelos manuais de psiquiatria

truncada,
por frestas entre silêncios se arrasta
tateia, desajeitada, um grunhido

gemido inefável?
verbo aleijado
discurso implodido

estranha língua
esta



Citei esse poema, do meu livro *Ecológicas*, porque gosto muito de refletir sobre o autismo em termos de linguagem e em termos do meu “funcionamento” artístico. De certa forma, a ecolalia, a truncagem, e outras quebras das expectativas neurotípicas de uma linguagem lógica e linear, representam, para mim, uma recusa a todo ideal de “perfeição” e produtividade capitalista, tornando-se metonímias para todo um modo de existir aleijado. Isso vai desde a minha tentativa de dizer que minha “produtividade” jamais conseguirá atender aos ideais da produtividade neurotípica quanto à minha própria compreensão de que jamais funcionarei como um homem “padrão”, que o meu exercício da paternidade é também aleijado e que eu não devo exigir de mim outra paternidade que não seja uma paternidade autista (com tudo o que isso implica). Isso é, de algum modo, libertador.

Certa vez, Java – um amigo artista e também autista – pediu-me que escrevesse um texto sobre o meu processo criativo. Eu preferi falar em funcionamento criativo, até porque não tenho método algum. Os parágrafos que seguem são desse texto e servem muito bem para ilustrar minha experiência autista para além da arte e da linguagem [1]:

“O mundo chega primeiro no corpo. Antes de qualquer pensamento, percebo o estímulo. Luz, som, cor, atrito não são ideias nem entes abstratos. São impactos num corpo exposto. Não encaro minha sensibilidade aos estímulos sensoriais como emoção, mas como percepção sem filtros. Ela é sensorial, mas também cognitiva. É forma de conhecer o mundo. Eu não sei o que é a cor azul, mas senti o azul quando “uma borboleta azul/ cruzou o fundo sem cor”. Digo que “a luz corta/o ar grita” porque é assim que me invadem o corpo. Porque os sentidos nem sempre andam separados. O que vejo tem peso, o que ouço tem textura, o tempo tem cheiro. Escrever é tentar acompanhar essa sinestesia sem organizá-las demais. Não uso sinestesia nos meus textos como figura de linguagem, mas como forma de transcrever a experiência sensorial. Nesse contexto, criar, aqui, não é apenas expressar sentimentos, mas, sobretudo, traduzir como apreendo o mundo e, ao mesmo tempo, construir, com a arte, espaços de habitabilidade, onde eu possa regular o ruído do mundo, que me chega intenso demais.

Presto atenção ao que quase nunca veem. Fixo o olhar sobre o mínimo, sobre o detalhe. Insetos, conchas, elementos botânicos, vibrações, rituais mínimos: neles o mundo cabe. Neles o mundo se



organiza. Não hierarquizo os seres. A concha de um caramujo tem a mesma grandeza da Via Láctea. O beiju feito pelas mãos da avó é o corpo de Cristo. O detalhe não simboliza o todo: ele é o todo que me é possível.

Muitas vezes vejo de fora, como se observasse, sozinho, através de uma vitrine. Isso não acontece por uma escolha estética deliberada, mas decorre de uma posição estrutural. O mundo social está organizado segundo critérios neurotípicos. Sobrevivo contornando, circulando pelas bordas. Não me convidaram para dentro ou exigiram, para entrar, que eu usasse máscaras demais. De fora, percebo os ruídos que os de dentro normalizaram. A arte que eu faço se situa na borda. Não pertence inteiramente ao centro nem romantiza a margem. Não encaro isso como um isolamento heroico do artista, porque ser *outsider* já é minha condição cotidiana. E, talvez, seja justamente por isso que a minha arte existe. Ela afirma um modo diferente de habitar o mundo e é, ela própria, um lugar habitável quando o mundo não previu lugar algum.

A linguagem é um território instável. Escrever custa, falar mais ainda. Assumi a minha fala e escrita como “uma língua estranha”, “a oração/ de uma língua queimada”. Truncada, ecolálica, “verbo aleijado”. Recuso as expectativas neurotípicas de linearidade, intencionalidade e eficiência. Um autista pode ser verborrágico em alguns momentos, mas pode ser extremamente comedido e até mesmo silencioso em outros. Transito entre esses extremos. A ecolalia, percebida como *déficit* pela psiquiatria, tornou-se meu método: “repetir/o eco que me sustenta/até fazer chão”.

Meu pensamento não avança em linha reta. Não obedece a hierarquias, silogismos e expectativas de linearidade. Cresce como um rizoma, por associações, aproximações, ressonâncias. Volto, assim, às mesmas palavras, aos mesmos motivos, aos hiperfocos, aos ritos sagrados e profanos, aos ciclos e às memórias, não para cerrá-los num significado, mas porque ainda reverberam (ecolalia). Criar a partir disso é aceitar que não há centro único, nem conclusão definitiva. É criar a partir da experiência vivida.”

Sou autista e, no entanto, não sou meu cérebro.

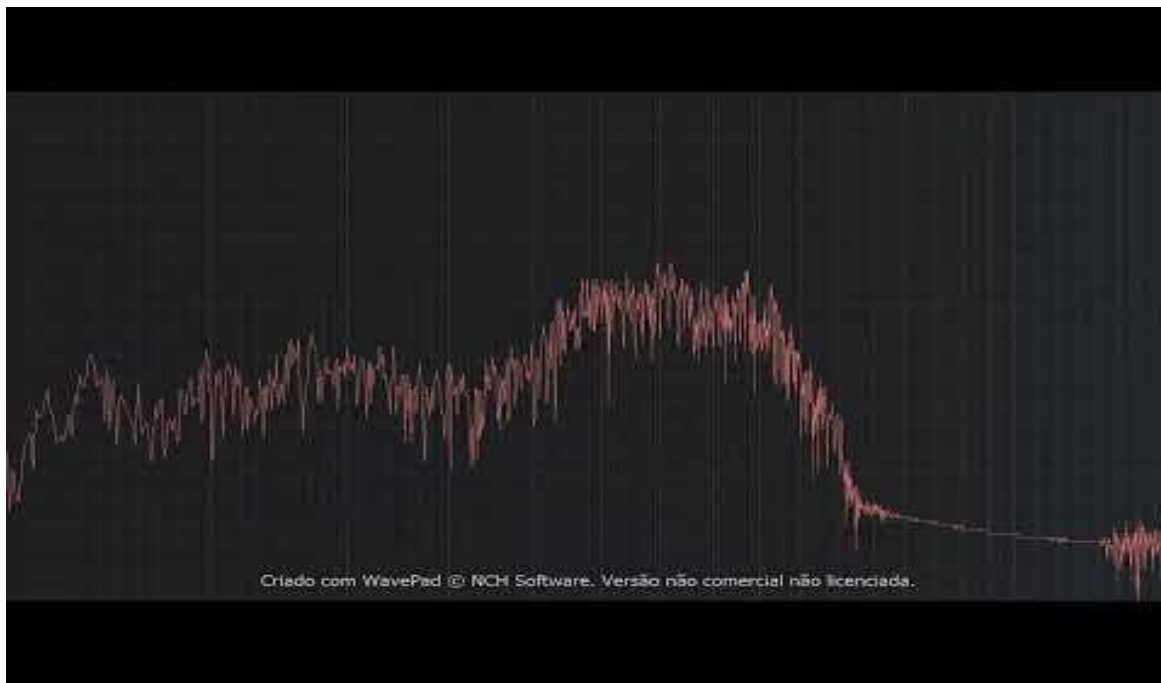
Edilberto Alves da Silva é autista, defensor público federal, poeta, mestrando em antropologia. Casado, é pai de dois meninos, um deles também autista. Atua na Defensoria Pública da União, em Teresina (PI), onde reside. Instagram: edilbertoasilva

[1] A arte de um outsider. In: Câmara Escura: Olho d'água – Ato 1. Disponível em <https://www.artedojava.com.br/colagens>.



Cérebro bailarino

Fernando Murilo Bonato



Vídeo gerado a partir de um áudio no WavePad e que inclui uma visualização animada de onda sonora (*waveform*) [animação de linhas em tom rosa/vermelho, que sobem e descem conforme o ritmo e a entonação da voz].

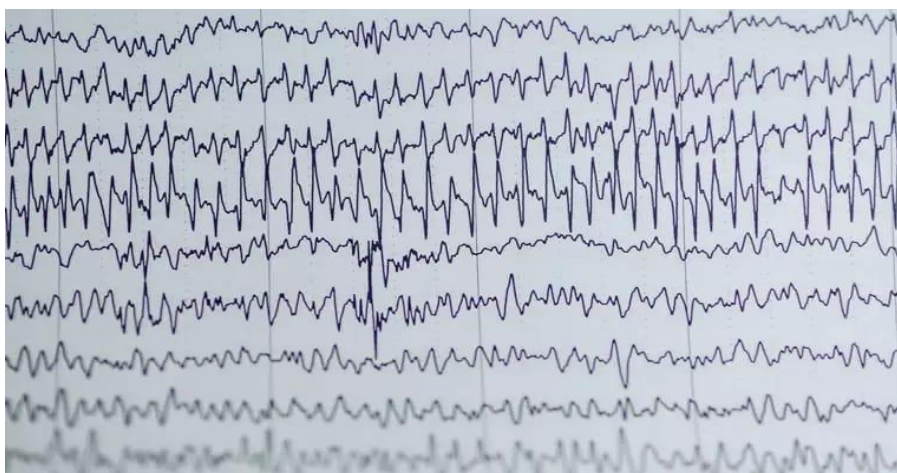


Imagem 01 – Eletroencefalograma [fundo branco com linhas pretas na vertical, pra cima e pra baixo, de tamanhos irregulares].

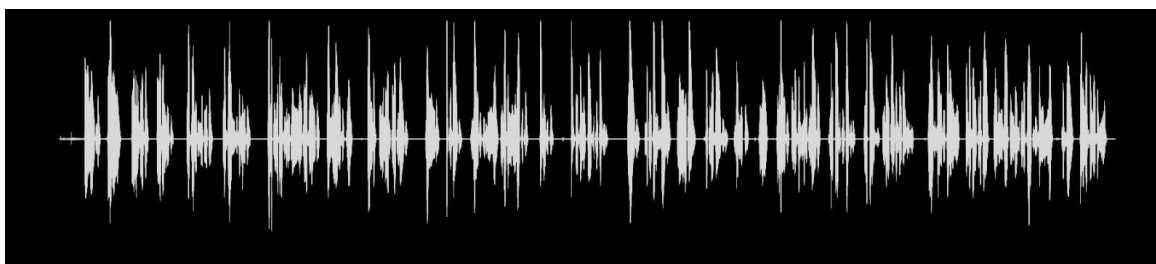


Imagem 02 - Sinal bruto da onda sonora: sequência de amostras de pressão do ar obtidas a partir da gravação da voz recitando o poema [fundo preto com linhas brancas na vertical, pra cima e pra baixo, de tamanhos irregulares].



Descrição das imagens e do processo criativo:

A partir das ondas cerebrais do eletroencefalograma [imagem 01], Fernando Murilo Bonato escreveu o seguinte poema:

Cérebro bailarino

Uma mente, uma linha, uma subida, uma descida.
Uma grande subida, uma grande descida.
Nessa constante sincronia de movimento
nosso cérebro flui.
Anda em suas conexões.

Dormindo, acordado, cérebro continua
sua dança simétrica, passiva.
A vida não perde compasso.

Mas, se compasso falha
linhas caem, ficam nervosas, se agitam.
Sim, cérebro é uma dança ritmada que
se perde compasso
se perde em descargas nervosas.

Ser cérebro bailarino é saber
equilibrar e harmonizar
ondas e reflexos de energia que
fluem como uma boa dança.

Em áudio, Daniela Feriani recitou o poema de Murilo, que tem apraxia severa. O áudio se transformou numa visualização animada da onda sonora [vídeo], a qual também ganhou uma forma bruta, ou seja, um sinal bruto da pressão do ar que foi feito a partir dessa mostra temporal da gravação da voz ao recitar o poema [imagem 02]. Tanto o vídeo quanto a imagem 02 foram gerados por Juliane Helanski, a pedido de Daniela [1].



Apesar de falhado, posso me apresentar como Fernando pensador. Sou autista autistão. Isso, para muitos, é uma sentença. Para mim, é minha natureza e o que me faz ser eu. Apenas posso contar que sou uma verdade única. Um pensamento autista que procura levar pensamentos poderosos a todos. Sou, por opção, filósofo falhado, filósofo da observação, filósofo da vida.

Minha mente pulsa, pulsa como uma boa onda cerebral. Sou pertencente a uma harmonia cerebral. Sou poder de minha mente. Sei de minhas falhas em conexões, mas sei como usar pontes em conexões e fazer minha mente voar em meus textos ditados. Sou autista de apraxia severa, falo minimamente, mas falo aqui, penso e pensar vai além da fala. Fala é poder de falácias, pensar é poder do sábio, e silêncio é o encontro da alma com a sabedoria.

Sabedoria busco em meu silêncio, pensamento pertença em meu silêncio, observação pertença socialmente. Sou acadêmico falhado de filosofia, um aluno tão livre que não consegue segurar a boa verdade em ir além de pensamentos padronizados. Não sabe fazer trabalho copiado, busca incansavelmente pensar além do que já foi pensado outra hora por tantos pensadores.

Presto tanta atenção em professores que fico muito agitado mentalmente. Meu cérebro é agitado e suas ondas precisam fazer textos para acalmar. Minha vida é neurodivergente, meu cérebro funciona fora do que vocês supõem. Não sou uma boa verdade falando, mas meus textos falam muito.

As pessoas me definem muitas vezes pelo que não consigo, pela fala ausente, por meu comportamento, mas sou muito mais que um pobre pensamento de incapacidade. Sou Fernando falhado sim, mas sou Fernando pensador, além de tantos outros Fernandos, porque ser simplesmente autista não me define, me faz apenas entrar numa padronização que muitos chamam de laudo.

Autista, para mim, nada significa, pois à frente de meu autismo carrego minhas verdades de meus infinitos Fernandos.

Fernando Murilo Bonato é autista de fala limitada e pensamento profundo. É graduando em Filosofia na Faculdade Vicentina, em Curitiba. É escritor, com 5 livros publicados: "Você pode ser o que quiser. Vença o impossível"; "Tudo pode se transformar quando se tem coragem. Força, determinação e vontade até o final de sua jornada"; "Verdades que podem transformar sua verdade"; "A vida pede vontade em transformar ... O tempo em pertencimento"; "A força está em suas mãos. Deus é a chave da sua mente." Instagram: @murilo_ciclistea



[1] Juliane Helanski desenvolve pesquisa de doutorado em antropologia sobre e com Inteligência Artificial (IA). A imagem 02 é a forma de onda da gravação do poema: uma linha branca que traça, ponto a ponto, a pressão do ar capturada pelo microfone (a 16.000 amostras por segundo, uma marca a cada 1/16.000 de instante). Cada etapa subsequente é uma transformação: o ar vira voltagem no microfone, voltagem vira número no conversor analógico-digital, número vira arquivo .opus, arquivo vira matriz no *numpy*, matriz vira linha branca no *matplotlib*. A imagem foi produzida em uma sessão de trabalho conjunta entre a pesquisadora e o modelo de linguagem Claude (Anthropic). A pesquisadora forneceu a gravação da voz e pediu ao Claude para fazer um *script* em Python para gerar a onda. Claude carregou o arquivo .opus da gravação com a biblioteca *librosa*, que decodifica o som e o re-amostra para 16.000 Hz mono, devolvendo o sinal como um vetor de números no *numpy*; o *matplotlib* desenha esse vetor como linha branca sobre fundo preto, sem eixos nem legendas, e salva o resultado como PNG. As decisões foram da pesquisadora (qual áudio, qual estética, o que mostrar e o que omitir); a escrita do código e a execução foram delegadas ao modelo, em diálogo. O *script*, o áudio original e demais materiais estão disponíveis em: github.com/julianehelanski/spira-espectrogramas/tree/main/projeto-daniela-feriani



Pensamento arbóreo

Jailton Veloso (JAVA)



Colagem digital com fotografias autorais e imagens de ressonância magnética.



Descrição da imagem e do processo criativo:

Trata-se de uma colagem digital realizada a partir de fotografias. Sou um contumaz observador do cotidiano, e busco sempre fotografar elementos e objetos que me despertem a curiosidade, de modo que minha galeria tem se tornado um banco de imagens originais. Para a edição dos meus trabalhos, eu utilizo o aplicativo Picsart, que me permite editar, recortar e sobrepor imagens, bem como, ao finalizar o trabalho, fazer retoques com inteligência artificial.

Aqui, neste trabalho, reúno elementos e símbolos que dialogam com a minha autopercepção sobre neurodivergência. Utilizo o ipê amarelo para representar o pensamento arbóreo. Sempre costumo falar que minha mente era um carro em alta velocidade e sem freios, aqui representado pela Brasília, um modelo que marcou minha infância. Fauna e flora são elementos recorrentes como objetos de trabalho, visto que o contato com a natureza me ajuda a regular as emoções.

Outra presença constante são elementos geométricos básicos com os quais crio sugestões de tempo-espço ou algum conceito. Aqui, o triângulo representa a visão como uma metalinguagem do meu trabalho. Devo minhas habilidades artísticas, sobretudo, ao pensamento arbóreo e é disto que o trabalho se trata. Em suma, minha arte é filha da minha maneira diferenciada de ver o mundo.



12 de abril de 2026, às sete horas e oito minutos, manhã nublada de um domingo atípico em Teresina – PI, às voltas com a delicada missão de falar da minha experiência como neurodivergente com diagnóstico tardio. Logo eu, que sou um dicionário ambulante (coleciono palavras, letras inteiras de centenas de músicas dentro de mim com uma voracidade infinita), percebo-me um tanto reticente, ciente do peso que possuem... De todo modo, o que segue adiante é um relato honesto, o quanto me for possível. Eu me chamo JAVA, tenho 42 anos, neurodivergente, artista multilinguagem, odontólogo, coordenador do Centro de Especialidades Odontológicas CEO II, piauiense e uma miscelânea genética das matrizes raciais do Brasil com muito orgulho.

Fui uma criança diferente, esquisita, atípica, com interesses muito diferentes do que era esperado em termos de idade, gênero e classe social. Muito cedo me identifiquei com a arte, que, certamente, foi e sempre será meu hiperfoco primordial. Mais do que isso, talvez o fio condutor da minha existência: o motor, o combustível, o viajante e a própria estrada... Sou autodidata, aprendi muito do que sei sozinho e a solidão é outra força que me atravessa. Vivi por muito tempo ensimesmado, sempre costumo falar que vivo mais dentro da minha cabeça (um território que chamo carinhosamente de Javaland) do que no mundo exterior e isso me trouxe muitos prejuízos, mesmo sendo um lugar de conforto.

Apesar de ter habilidades cognitivas acima da média das outras crianças com quem convivi, apresentava baixo rendimento escolar e oscilava muito entre comportamentos expansivos e introspectivos. Interessava-me mais desenhar, ler, escrever, aprender a mexer nas máquinas de costura, produzir brinquedos a partir de pecinhas que catava na mecânica do meu pai e ouvir música compulsivamente. Além disso, frequentava assiduamente uma pequena biblioteca que havia em Demerval Lobão, cidade onde cresci. Eu não sabia que era diferente, mas o mundo ao redor fazia questão de lembrar o todo tempo sobre quem eu era, antecipando, inclusive, sem que eu soubesse do que se trataria, a minha sexualidade. O saldo disto foi que cresci com a sensação de não pertencimento, de que não entendia o mundo na mesma medida que este também não a mim. Fui criando refúgios criativos para lidar com um mundo demasiadamente hostil, hiper estimulativo aos sentidos e escapar do bullying, dos preconceitos e da eterna incompreensão do ambiente externo. Por que as pessoas são assim? “... Porque é preciso ser assim, assado...”



Já adulto, o panorama não mudou muito, sentia e ainda sinto um despreparo generalizado para as questões da vida, a falta de sentido em padrões coletivos internalizados e, talvez por isso, desempenho comportamentos sempre fora dos padrões com fluidez e naturalidade. Vez ou outra, um sinal, um feedback não solicitado: “você é estranho, não olha nos olhos, está sempre na defensiva” ou “você não tem papas na língua”, “exótico”, “doidinho” e por aí vai... Pistas que indicavam para um futuro mapeamento da minha parte... Pensando bem, de todos os desafios que a minha neurodivergência imprimiu à minha existência e interação com o mundo, ressaltaria, aqui, a pouca malícia, certa ingenuidade em não reconhecer com clareza situações de ameaça e risco e a baixa leitura dos meus próprios sinais corporais, como, por exemplo, reagir a sinais e sintomas de possíveis doenças. Ter ignorado a existência do mascaramento social me trouxe uma vivência, na fase adulta, permeada de muitos mal-entendidos e muitos erros de interpretação dos acontecimentos cotidianos, culminando na instabilidade das relações interpessoais.

Depois de anos convivendo com ansiedade generalizada, comportamentos compulsivos, insônia e episódios depressivos, busquei ajuda, acompanhamento psicológico e psiquiátrico. Um divisor de águas. O diagnóstico de Autismo, TDAH [1] e AH/SD [2] me possibilitou preencher lacunas de autoconhecimento. Talvez pela primeira vez na minha vida, tenho-me sentido um ser humano completo, em oposição à sensação de que algo me faltava. Compreender meus déficits de socialização e adquirir ferramentas cognitivas para amenizar seus impactos me possibilitou ter um salto de qualidade de vida, o que culminou também na minha mais autêntica decisão de retornar a produzir arte. Desde então, posso dizer que tenho encontrado felicidade e realização e isso se reflete em inspiração. Rever a minha própria trajetória à luz dos novos conhecimentos, identificando minhas peculiaridades e a percepção de que faço parte também de um grupo de pessoas com quem divido uma condição de vida me forneceu ferramentas norteadoras e alicerces para uma experiência de vida mais assertiva e, por consequência, menos desconexa.

À princípio, o diagnóstico de autismo me pareceu exagerado e levou um tempo para que, baseado em estudos e leitura, eu realmente compreendesse a minha condição dentro do espectro em nível 1 de suporte. Assistir relatos de outros autistas no Youtube me ajudou muito. Num vídeo em particular, uma autista relatava sua hipersensibilidade tátil, a dificuldade em usar meias, tecidos e que costumava dobrar o elástico das bermudas para fora como forma de aliviar o desconforto, um hábito que compartilho, assim como meu pai também, até hoje. Isso ressalta a importância da



interação entre neurodivergentes, dividir relatos e vivências certamente contribui para o fortalecimento do senso de pertencimento e de identificação.

Na minha atual fase pós-diagnóstica, o mundo não me pareceu menos desafiador, pelo contrário, agora sinto que a peleja é lidar com a percepção excessivamente patologizada que tem colocado em xeque as minhas atitudes e competências naquilo que se espera e não se acredita que um autista possa ser capaz. Por outro lado, sinto pouca disposição em me explicar, consciente de que faço parte de um espectro e da gama de variações comportamentais e características que o autista pode manifestar, o que acarreta níveis também variados de autonomia e, proporcionalmente, de suporte. Se, antes, eu não cabia na caixa neurotípica, agora sinto a pressão de caber na caixa da neurodivergência determinada pela ótica deles. Recuso-me, “mais louco é quem me diz que não é feliz...”

Como coordenador do Centro de Especialidades Odontológicas II, que presta serviços odontológicos especializados para pacientes portadores de necessidades especiais, sinto-me no dever de garantir o acesso equânime aos pacientes neurodivergentes, em condições proporcionais ao suporte. Observo ainda os desafios em ter acesso aos benefícios legais aos pacientes que, pelo fato de ser o autismo uma deficiência não visível e nem sempre externamente evidente, enfrentam ainda muitas barreiras, pois, ao que parece, a avaliação do neurotípico leigo tende a exercer determinado poder coercitivo em salas de espera por atendimento, assim percebo.

Ao fim e ao cabo, sinto que tudo que me faz diferente também me faz único e este é o combustível para o meu trabalho artístico. Sentir na pele e na mente o mundo com tamanha intensidade me fere profundamente, mas também me proporciona visão estratégia, prisma diferenciado e isto me motiva a realizar transformações e buscar expansão para além das barreiras sociais impostas. Para muito além dos desafios, das limitações, olho para o que há de especial em mim, no sentido mais digno da palavra e posso dizer que tenho, hoje, orgulho da (re)descoberta de quem sou, um eterno mutante. Penso que é necessário aos neurodivergentes ocupar espaços e se fazer presente, não como uma lacuna a ser preenchida como concessão de espaço, mas como ato simbólico, como agentes capazes que galgam seus objetivos, apesar de suas limitações. Muitos são os desafios principalmente para os irmãos de espectro com maior necessidade de suporte, por isso essa deve ser uma luta constante e de nos fazermos entender em



nossas necessidades coletivas e individuais enquanto grupo que apresenta tantas vulnerabilidades.

Concluo refletindo que, concomitante às lutas sociais que travamos, possamos também construir referenciais cada vez mais positivos, celebrando em nós aquilo que nos potencializa, para que, finalmente, possamos construir a nossa autorreferência transcendendo o lugar de exclusão, desconexão e restrição. Com o suporte adequado e um ambiente mais favorável, hoje eu sinto que tenho mais estrutura interna no manejo das minhas dificuldades e na celebração da minha unicidade, utilizando todo este aparato corpóreo diferenciado e complexo. Deste novo lugar, tenho produzido e saboreado uma agridoce limonada (tin-tin!).

Olhos de mangá

Libélulas libertinas e libidinosas pousam e posam aqui e acolá. Meus pés pretos contra o planeta terra impulsionam o balancim improvisado debaixo duma mangueira no quintal. Os meus apêndices são como antenas curiosas, captando o mundo ao redor. Você sabia que os quiabos maduros ressecam, arrebentam e arremessam suas sementes? Meus grandes olhos são puro fascínio a fitar o efeito caleidoscópico no chão, da luz vespertina cruzando a folhagem, através da gigante copa frondosa. Tudo ao redor é alquimia matemática para um anjinho elétrico de Fibonacci. O cheiro doce duma vassoura de velame ajuntando coisas que a gravidade derruba, cigarras boêmias, trovadoras do entardecer, cantarolam nostalgias de outros outonos. Eu, viajante do futuro, sentia saudades do homem que um dia viria a ser... Quem já viu a lua de dia sabe bem, nem sempre o céu é azul, pois, antes de se recolher, o rei sol derrama uma aquarela quente e furta-cor sobre a abóboda do firmamento, prenunciando o manto negro que embala os sonhos de Gaia.

Jailton de Sousa Veloso se apresenta artisticamente como JAVA. Nascido em Teresina, criado em Demerval Lobão - Piauí, solteiro, 42 anos. Trabalha como odontólogo, endodontista e Coordenador do Centro de Especialidades Odontológicas – CEO II, ortodontista e clínico geral em



Vitale Odontologia, em Monsenhor Gil – PI. Na persona de JAVA, atua como artista multilinguagem nos campos do desenho, música, fotografia, colagem analógica e digital, poesia, conto, etc.. Foi vocalista de uma banda de garage rock. Em 2026, realizou o lançamento dos seguintes trabalhos: POEZINE – fanzine de poemas e ilustrações, e CÂMARA ESCURA - fanzine de fotografia, colagem digital e poesia, disponíveis em PDF gratuito na galeria virtual: www.artedojava.com.br.

[1] Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade.

[2] Altas Habilidades/Superdotação.



(Im)Pacientes: Ana Cândida Carvalho, Pedro de Lucena, Edilberto Silva, Fernando Murilo Bonato e Jailton Veloso

Solicitante: Daniela Feriani

LAUDO MÉDICO POÉTICO

Técnica:

Intervenções artísticas e literárias livres, a escolha de cada autor/a, em exames de ressonância magnética do crânio e eletroencefalograma.

Relatório:

Sistema ventricular de formas e dimensões dentro do tamanho desejável para ser quem se quiser ser – ou vir a ser.

Sulcos e fissuras encefálicas coerentes com os ritmos, intervalos e tropeços da vida.

Parênquima encefálico de morfologia e sinal normais, desde que normal não signifique a adequação a um modelo único e homogêneo.

Tronco cerebral e cerebelo com morfologia e intensidade digna de pessoas que pensam, sentem e se expressam.

Hipocampos e núcleos amigdaloides com alterações de acordo com as lembranças e os afetos de cada participante.

Ritmo de base regular, simétrico, sincrônico, organizado.

Traçado com numerosos artefatos.

Presença de grafo-elementos específicos e assimetrias que variam conforme as oscilações das experiências vividas.

Presença de deficiência, a qual não se configura como erro, falha nem patologia.

A administração do agente paramagnético não evidenciou focos de impregnação anômala, apenas de ordem artística/criativa condizente com o espectro das diferentes existências.

Conclusão:

Cérebros altamente criativos, com habilidades para expressão artística e literária, normais cada qual à sua maneira.